

Milhão e meio afectados pela guerra na Zambézia

12.11.86

por Gil Laurenciano, da AIM

Cerca de um milhão e meio de pessoas foram mergulhadas numa situação de fome e nudez na província da Zambézia, devido à guerra de desestabilização lançada a partir do Malawi.

Setenta mil pessoas estão já refugiadas na cidade de Quelimane, capital da província, dormindo em varandas, garagens e centros de reintegração construídos nos arredores da cidade.

As comunicações terrestres entre Quelimane e os distritos estão praticamente paralisadas. As estradas estão esburacadas por rebentamentos de minas, ou esbarradas com grossos troncos de árvores. Os meios de ligação com o interior mais frequentes são avionetas, ou por barco, no caso dos distritos costeiros. Camiões que tentaram socorrer os camponeses afligidos pela fome foram destruídos e incendiados e a comida queimada ou roubada pelos bandidos.

A Zambézia é hoje uma província onde por todo o lado se notam os sinais da guerra de agressão.

O banditismo armado na Zambézia começou em 1982. Nesse ano, grupos de bandidos atravessavam a fronteira malawiana para ataques a populações e infra-estruturas económicas nos distritos fronteiriços de Morrumbala e Milange e no distrito de Mopeia.

Após a tomada da principal base dos bandidos armados em Moçambique, a «Casa Banana», na Gorongosa — por tropas moçambicanas e zim-

babweanas, em 1985 — houve um reagrupamento dos bandidos armados no Malawi. Em fins de Setembro, dias depois da apresentação de provas do envolvimento malawiano pela Linha da Frente, em Blantyre, o Malawi «expulsou» milhares de bandidos fortemente armados para o interior de Tete e Zambézia.

Imediatamente, testemunhas oculares começaram a relatar ataques dos bandidos nos distritos que compõem a Alta Zambézia. Em menos de três semanas, operando em grandes grupos de 350 a 601, os bandidos atacaram vilas e sedes distritais em Namarrói, Milange e Alto-Molôcué.

Arinaquina Munatchari, de 38 anos de idade, conseguiu fugir das mãos dos bandidos no dia 8 de Outubro, após seis meses de cativeiro na base de Muakiwa, no sul do distrito do Gúrué.

Ela disse à AIM que, dias antes da sua fuga, tinha havido nessa base uma reunião, na qual um chefe dos bandidos, de nome Artur António, afirmou: «estamos a regressar todos ao país porque já vencemos a guerra. Maputo e Beira acabam de ser tomadas pelos nossos soldados».

Fontes militares disseram à AIM que os bandidos que atravessaram a fronteira para a Zambézia nas últimas três semanas, vieram, em dois grandes grupos. Um entrou pela fron-

teira de Milange, atravessando a ponte sobre o rio Luo, zona «garganta» a no-este da província, a caminho de bases em Natutu, no norte do distrito de Namarrói, Navelev em Alto-Molôcué e Muakiwa, no sul do Gúrué. Este grupo lançou ataques na Alta Zambézia, que compreende os distritos norte da província.

Durante as últimas duas semanas de Setembro, as forças comandadas pelo capitão Rufino Kantumbianda, Administrador e Comandante Militar do distrito de Milange, confrontaram-se com grupos de bandidos armados provenientes de uma zona malawiana chamada Moccocora.

Segundo este capitão das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), os bandidos tentavam tomar de assalto as localidades de Téngua e Chitambo.

Em princípios de Outubro, cerca de 350 bandidos tentaram assaltar Namarrói e algumas localidades dos distritos do Ile e Gúrué. Nos confrontos que se seguiram os bandidos perderam 60 homens.

O segundo grupo penetrou na Zambézia pela fronteira mas a sul, estendendo os seus ataques a partir de Morrumbala até Mopeia e Luabo. O grupo ramificou-se para outros distritos do centro e sul da província.

As pessoas que chegam a Quelimane, fugidas das zonas de guerra, falam de centenas de mortos entre a população camponesa. Os prejuízos materiais já são incalculáveis. Nada escapa à destruição dos bandidos: escolas, centros de saúde, aldeias inteiras e até igrejas.

Um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia contou que os bandidos chegaram à sua igreja, em Mavinha, no distrito do Ile «Era de manhã e estávamos em plena missa. Eles mandaram despir todos e a mim também. Depois incendiaram a igreja (feita de pau a pique) com algumas pessoas lá dentro que eles chamaram de colaboresoras da Frelimo.

No dia seguinte apareceu na aldeia um chefe dos bandidos a dizer que os que tinham queimado a igreja seriam fuzilados. Mas os fuzilados não foram os bandidos que haviam queimado a igreja.

Conto do pastor: Finalmente, eles assassinaram fragmente cinco pessoas que tinham raptado noutra povoação, dizendo que eram os «soldados» que tinham incendiado a igreja, mas não devolveram os bens que nos tiraram».

Um comerciante lamentou a morte de Samora Machel e o facto de ele não ter podido regressar a Zambézia para levar a cabo a ofensiva de que falara na sua última visita. Disse que tem mais de dois milhões de metlicas em mercadoria reida em Quelimane há mais de um ano. «Não consigo trazer a mercadoria para o distrito porque as colunas já não andam».

Toda a actividade económica da província está seriamente afectada. As acucareiras do Luabo estão paralisadas, as minas de tátilite de Murrua também e houve uma quebra de 50 por cento da produção agrícola.

Apesar de fortes dificuldades logísticas no exército, nota-se uma grande disposição por parte da população de combater os bandidos, havendo já cerca de dez mil pessoas organizadas em grupos de vigilância e armadas com zagatas e outras armas tradicionais, fazendo patrulhas ao longo dos caminhos, para detectarem a infiltração dos bandidos.

Em escolas secundárias, alunos e professores começam a treinar-se militarmente para ajudar na defesa das suas aldeias e vilas, enquanto os adultos trabalham nas machambas. Paralelamente, crianças aprendem a dar sinais de alerta com chipalapa.